

# TRADUÇÃO E NOTAS DO MITO DE ORFEU NO IV CANTO DE AS GEÓRGICAS

**Elaine Cristina P. Santos\***

**Resumo:** O mito de Orfeu, no IV canto de *As Geórgicas*, será apresentado como exemplo de tradução, apreciando-se como o poeta Virgílio o considera. Após Virgílio ter exposto, no IV canto, a apicultura, apresenta a fábula de Aristeu, que emoldura o mito de Orfeu. Metade do IV canto é consagrada às abelhas; a outra pertence ao mito de Orfeu. Este relato ocupa, no IV canto de *As Geórgicas*, 241 versos dos 565 do canto inteiro, ou seja, cerca de 43%.

**Palavras-chave:** Literatura latina; Virgílio; *As Geórgicas*; mito de Orfeu.

O mito de Orfeu, no IV canto de *As Geórgicas*, será apresentado como exemplo de tradução, apreciando-se como o poeta Virgílio o considera. Em *As Geórgicas*,<sup>1</sup> Virgílio apresenta um quadro rústico e real, em que ele saúda o inesgotável trabalho do camponês, apontando seu valor máximo: *labor omnia uicit improbus* (Geo. I, 145-146) [o trabalho obstinado vence todas as coisas].

Logo nos cinco primeiros versos, o poeta anuncia a ordenação de um plano: o de seu poema em quatro cantos. O tema de cada um deles é elucidado nos primeiros versos, anunciando uma divisão da agricultura em quatro partes: o trabalho dos cereais, subdividindo-se em operações rústicas e dados astronômicos; a arboricultura, representada pela viticultura; o gado, subdividindo-se em bois e em gado miúdo e, por fim, as abelhas.<sup>2</sup>

\* Mestre em Letras Clássicas na FFLCH-USP. Professora da Faculdade de Filosofia, Letras e Educação da Universidade Presbiteriana Mackenzie.

1 *As Geórgicas*, poema didático sobre a terra, foram escritas, no século I a. C., pelo poeta latino *Publius Vergilius Maro*.

2 Na primeira edição do poema, segundo Sêrvio, o IV canto de

*As Geórgicas* se encerrava com os louvores de Cornélio Galo, elevado, depois do desabamento do reino de Cleópatra, à dignidade de primeiro *praefectus Aegypti*. Porém, atesta ainda Sêrvio que, em 26 a. C., Cornélio Galo foi forçado ao suicídio por Augusto, em virtude das honras excessivas que lhe tinham sido prestadas no Egito, o que o havia posto sob suspeita. Daí, a pedido do príncipe, ter Virgílio, no IV canto, substituído o elogio a Galo pela narrativa do mito de Orfeu e Eurídice.



*“Nam quis te, iuuenum confidentissime,  
nostras 445*

*iussit adire domos? quidue hinc petis? “ inquit*

*At ille:*

*“Scis, Proteu, scis ipse; neque est te fallere  
quicquam;  
sed tu desine uelle; deum praecepta secuti  
uenimus hinc lapsis quaesitum oracula rebus.”  
Tantum effatus Ad haec uates ui denique multa  
450*

*ardentis oculos intorsit lumine glauco  
et grauiiter frendens sic fatis ora resoluit:  
“Non te nullius exercent numinis irae;  
magna luis commissa: tibi has miserabilis  
Orpheus  
haudquaquam ob meritum poenas, ni fata  
resistant, 455*

*suscitat et rapta grauiiter pro conjuge saeuit.  
Illa quidem, dum te fugeret per flumina  
praeceps,  
immanem ante pedes hydrum moritura puella  
seruantem ripas alta non uidit in herba.  
At chorus aequalis Dryadum clamore supremos  
460*

*implerunt montis; flerunt Rhodopeiae arces  
altaque Pangaea et Rhesi Mauortia tellus  
atque Getae atque Hebrus et Actias Orithyia.  
Ipsae caua solans aegrum testudine amorem  
te, dulcis coniunx, te solo in litore secum,  
465*

*te ueniente die, te decedente canebat.  
Taenarias etiam fauces, alta ostia Ditis,  
et caligantem nigra formidine lucum  
ingressus Manisque adiit regemque tremendum  
nesciaque humanis precibus mansuescere  
corda, 470*

*At cantu commotae Erebi de sedibus imis  
umbrae ibant tenues simulacraque luce  
carentum,  
quam multa in foliis auium se milia condunt,  
Vesper ubi aut hibernus agit de montibus imber,  
matres atque uiri defunctaque corpora uita 475*

*magnanimum heroum, pueri innuptaeque puellae  
impositique rogis iuuenes ante ora parentum;*

de um homem: “Quem te mandou, mais presunçoso dos jovens (445), invadir nossa casa? Ou o que pedes aqui? disse. Mas ele (Aristeu): “Proteu, tu sabes, tu próprio sabes, nem é possível enganar-te em nada; mas deixa de querer enganar. Seguindo os preceitos dos deuses, aqui viemos procurar os oráculos para minha sorte arruinada”. Falou só isso. O adivinho, em resposta, com muito esforço, finalmente (450) voltou os olhos ardentes com luz esverdeada e rangendo fortemente os dentes, assim abriu a boca para os destinos:

“As iras de um deus que te perseguem, tu pagas por grandes faltas: Orfeu, infeliz, de modo nenhum por sua culpa instiga estes castigos para ti, a menos que os destinos não se oponham (455); ele está gravemente furioso pela perda de sua esposa. Ela, na verdade, para fugir de ti, correndo ao longo do rio, a jovem, que ia morrer, não viu diante dos pés, entre as ervas altas, uma mortífera serpente que habitava as margens. Então o coro das Driades, suas companheiras, encheu os mais altos montes com um clamor (460); choraram as rochas de Rodope, o alto Pangeu, a marcial terra de Reso, os Getas, o Hebro e a ateniense Oritia. Orfeu, aliviando seu doloroso amor com sua lira côncava, ele te cantava, doce esposa, sozinho consigo mesmo na praia (465), ele te cantava, quando o dia estava se aproximando e quando estava partindo. Tendo entrado nas gargantas do Ténaro, nas profundas entradas de Plutão, e no bosque obscuro em negro terror, ele foi ao encontro dos Manes e do terrível rei, e dos duros corações que não sabem abrandar-se com as preces humanas (470). Entretanto movidos por seu canto, das moradas profundas de Érebo, as sombras tênues e os fantasmas dos carentes de luz acorriam tão numerosos quanto os milhares de pássaros que se escondem nas folhagens, quando Vésper ou uma chuva de inverno os expulsa dos montes: as mães, os maridos, os corpos dos magnânimos heróis isentos de vida (475), os meninos, as meninas solteiras, os jovens colocados nas piras sob os olhos dos pais: em torno deles

*quos circum limus niger et deformis harundo  
Cocyti tardaue palus inamabilis unda  
alligat et nouiens Styx interfusa coercet. 480*

*Quin ipsae stupuere domus atque intima Leti  
Tartara caeruleosque implexae crinibus angues  
Eumenides tenuitque inhians tria Cerberus ora  
atque Ixionii uento rota constitit orbis.  
Iamque pedem referens casus euaserat omnis  
485*

*redditaque Eurydice superas ueniebat ad auras  
pone sequens (namque hanc dederat  
Proserpina legem),  
cum subita incautum dementia cepit amantem,  
ignoscenda quidem, scirent si ignoscere Manes:  
restitit Eurydicenque suam iam luce sub  
ipsa 490*

*immemor heu! uictusque animi respexit Ibi  
omnis  
effusus labor atque immitis rupta tyranni  
foedera, terque fragor stagnis auditus Auerni.  
Illa: "Quis et me" inquit "miseram et te  
perdidit, Orpheu,  
quis tantus furor? En iterum crudelia retro 495*

*fata uocant conditque natantia lumina somnus  
Iamque uale: feror ingenti circumdata nocte  
inualidasque tibi tendens, heu! non tua, palma."  
Dixit et ex oculis subito, ceu fumus in auras  
commixtus tenuis, fugit diuersa, neque illum  
500*

*prensantem nequiquam umbras et multa  
uolentem  
dicere praeterea uidit; nec portitor Orci  
amplius obiectam passus transire paludem.  
Quid faceret? quo se rapta bis coniuge ferret?  
Quo fletu Manis, quae numina uoce moueret?  
505*

*Illa quidem Stygia nabat iam frigida cymba.  
Septem illum totos perhibent ex ordine mensis  
rupe sub aera deserti ad Strymonis undam  
fleuisse et gelidis haec euoluisse sub antris  
mulcentem tigris et agentem carmine quercus  
510*

prende-os um negro lamaçal, os caniços imundos do Cocito, o pântano odioso com sua lenta água, e o Estige os segura em seus nove círculos (480). Tomaram-se de espanto os próprios domínios da Morte, e as profundezas do Tártaro e as Euménides de cabelos entrelaçados com serpentes azuladas; Cérbero, boquiaberto, conteve suas três bocas, e a roda do círculo de Íxion parou com o cessar do vento. E já voltando atrás seus passos (485), Orfeu escapara de todas as desventuras, e Eurídice restituída vinha para os ares superiores, seguindo atrás dele, pois Prosérpina impusera esta condição, quando uma súbita demência apoderou-se do imprudente amante, demência que deveria ser perdoada em verdade, se os Manes soubessem perdoar. Ele parou e, já sob a própria luz (490), esquecido, ai! e vencido no ânimo olhou sua Eurídice: aí todo o seu trabalho se perdeu e o pacto do impiedoso tirano foi rompido, e um fragor três vezes foi ouvido nas águas estagnadas do Averno. Ela disse: "Quem arruinou a mim, infeliz, e a ti, Orfeu? Que tão grande loucura? Eis que os cruéis destinos (495) me chamam novamente para trás e o sono fecha meus olhos indecisos. E agora, adeus: sou levada rodeada por uma imensa noite, estendendo minhas fracas mãos para ti. Ai de mim! Não sou mais tua! "Ela disse e, subitamente, sumiu-lhe dos olhos, como uma fumaça misturada no tênue ar (500). Nem ela viu mais a ele que em vão apalpava as sombras, querendo-lhe dizer muitas coisas. Nem o barqueiro do Orco permitiu que ele atravessasse de novo o intermédio pântano.

O que faria? Para onde se retiraria, depois que sua esposa foi arrebatada duas vezes? Com qual choro moveria os Manes? Com qual voz moveria os deuses (505)? Gelada, ao longe, Eurídice vagava já na barca do Estige. Dizem que durante sete meses contínuos ele chorou, só consigo mesmo, ao pé de uma grande rocha, nas margens do deserto Estrimão, e que contou estas desgraças sob as gélidas cavernas, amansando os tigres e atraindo os carvalhos com sua canção (510): tal qual um rouxinol

*Qualis populea maerens Philomela sub umbra  
amissos queritur fetus, quos durus arator  
obseruans nido implumis detraxit; at illa  
flet noctem, ramoque sedens miserabile carmen  
integrat et maestis late loca questibus implet*  
515

*Nulla uenus, non ulli animum flexere hymenaei.  
Solut Hyperboreas glacies Tanaimque niualem  
aruaque Riphaeis numquam uiduata pruinis  
lustrabat, raptam Eurydicen atque inrita Ditis  
dona querens; spretae Ciconum quo munere  
matres* 520

*inter sacra deum nocturnique orgia Bacchi  
discerptum latos iuuenem sparsere per agros.  
Tum quoque marmorea caput a ceruice  
reuolsum  
gurgite cum medio portans Oeagrius Hebrus  
uolueret, Eurydicen uox ipsa et frigida  
língua* 525

*ah! miseram Eurydicen anima fugiente  
uocabat;  
Eurydicen toto referebant flumine ripae.”  
Haec Proteus et se iactu dedit aequor in altum,  
quaque dedit, spumantem undam sub  
uertice torsit.* 529

que, à sombra de um choupo, se queixa dos filhos perdidos, que um duro lavrador observando retirou implumes do ninho: então ele chora durante a noite e, pousado num ramo, recomeça o infeliz canto e enche os locais longamente com tristes lamentos (515). Nenhuma Vênus, nenhum himeneu tocou seu espírito. Sozinho percorria os hiperbóreos gelos, o nevoso Tânaís, os campos nunca esvaziados as geadas dos Rifeus, lamentando Eurídice perdida e os presentes de Plutão malogrados. Mas as mães dos Cicones, desprezadas por tal devoção (520), entre ritos divinos as orgias de Baco noturno, espalharam o jovem feito em pedaços pelos vastos campos. Então, também quando o Éagro Hebro, levando a cabeça arrancada do mármoreo pescoço, a rolava no meio do sorvedouro, a própria voz e a fria língua (525), enquanto a alma fugia, chamava Eurídice! ah! triste Eurídice! As margens ecoavam Eurídice, ao longo de todo rio.”

Assim falou Proteu, e de um ímpeto se lançou no mar profundo e onde mergulhou, ele moveu uma onda espumante em um (529) turbilhão.

## NOTAS EXPLICATIVAS

425 - **Indos**: Os povos do Oriente, onde o calor é mais forte.

**Sirius**: Sírio, uma das estrelas da Canícula. Os antigos a temiam muito por suas influências nefastas.

428 - **Faucibus**: A palavra *fauces* designa freqüentemente a *embocadura* dos rios. Os comentadores preferem a tradução de *leito*.

432 - **Somno**: Dativo por *ad somnum*.

434 - **Vesper**: Tarde, a estrela da tarde (Vênus).

439 - **Manicis**: *Manica*, algemas, por atar as mãos em oposição a *compedes* (grilhões, algema).

445 - **Nam**: Segundo alguns gramáticos, o emprego desta partícula, nas interrogações, indicava a emoção, a perturbação de espírito. Segundo Sêrvio, *nam quis* tem o sentido de *quisnam*. *Quisnam* é uma partícula enclítica que reforça a indeterminação expressa pelo pronome a que se junta.

454 - **Orpheus**: Segundo alguns, Orfeu era filho de Apolo e de Clio, segundo outros, de

Éagro e de Caliope. Ele participou da expedição dos argonautas e inventou a cítara de nove cordas. Tocava lira com tanta perfeição que os animais mais ferozes se agrupavam ao seu redor. Casara-se com a ninfa Eurídice. Não muito longe da Trácia, vivia o pastor Aristeu, que se apaixonara por Eurídice. Um certo dia, ela passeava sozinha às bordas do Peneu. O jovem Aristeu a viu e correu em sua direção. Assustada, correu enquanto o pastor a perseguia. De repente, no meio do caminho uma víbora picou o calcanhar de Eurídice, levando-a à morte. A dor de Orfeu foi imensa. Por meio de seu canto e de sua lira, conseguiu atravessar os infernos. Os deuses, Plutão e Prosérpina, por piedade, deixaram que o jovem cantor levasse sua esposa novamente para a luz sob uma condição: Orfeu marcharia à frente e não poderia voltar a cabeça para olhar Eurídice. Os dois retornavam para a pátria dos vivos, quando Orfeu, não resistindo, olhou para trás para ver sua Eurídice. E assim ele a perdeu para todo o sempre.

Orfeu retirou-se para a Trácia e isolou-se do mundo, vivendo na floresta e cantando para os animais. Orfeu não quis mais se casar, só pensava em Eurídice. Certa vez, as mulheres sentindo-se desprezadas por ele, lançaram-se sobre ele, despedaçaram-no e jogaram sua cabeça no Rio Ebro, mas sua língua fria, sem vida, ainda pronunciava o nome de Eurídice.

455 - **Haudquaquam ob meritum:** É preferível ligar estas palavras a *suscitat* e não a *miserabilis*, assim traduzir: *este castigo que não é proporcionado por teus crimes, graças à proteção dos destinos, ni fata resistant.*

457 - **Flumina:** O Ebro, rio da Trácia

461 - **Rhodopeiae arces:** Os cimos de Ródope, montanha da Trácia.

462 - **Pangaea:** O monte Pangeu, entre a Trácia e a Macedônia, célebre por suas minas de ouro e de prata. *Rhesi:* Reso, rei da Trácia, morto por Ulisses e Diomedes.

464 - **Testudine:** Tartaruga, a lira inventada. Horas depois de nascido, Mercúrio pulou do berço e fugiu da gruta. Tendo encontrado uma tartaruga, matou-a. Jogou fora a carne e, da carcaça, fez a lira, estendendo nela sete cordas de tripa de ovelha.

467 - **Taenarias fauces:** Ténaro, promontório e cidade da Lacônia, era uma das entradas para os infernos.

**Ditis:** Plutão, deus dos infernos, filho de Saturno e de Réia, irmão de Júpiter e de Netuno.

469 - **Manis:** Gênio que os antigos confundiam ou com as almas dos mortos ou com as divindades infernais. Os gregos davam aos mortos o nome de deuses subterrâneos; os romanos, de deuses Manes.

471 - **Erebi:** Érebo são as Trevas, designa os infernos; segundo a concepção homérica, também significa a parte mais obscura do reino dos infernos. O Érebo era filho do Caos e da Noite, foi transformado em rio e lançado aos infernos porque socorrera os Titãs.

479 - **Cocytii:** Cocito, rio dos infernos.

480 - **Styx:** Estige, fonte e lagoa da Arcádia, considerada como um lago dos infernos pelos poetas. Era sobre o Estige que passavam as Sombras, na barca de Caronte.

481 - **Leti:** Leto, é a morte personificada.

483 - **Cerberus:** Cérbero, cão de três cabeças que guardava os infernos.

484 - **Ixionii orbis:** Ixião, rei dos Lápitás, era homem muito cruel. Casou-se com Dea, filha de Deioneu. Prometeu ao sogro que lhe daria um belíssimo presente por ter desposado sua filha. Como Deioneu percebeu que a promessa não seria cumprida, apoderou-se de alguns cavalos de Ixião. Este, ofendido, colocou o sogro num fosso ardente, onde morreu. Todos se horrorizaram pela atitude de Ixião e abandonaram-no. Ele recorreu a Júpiter, que, por piedade, o acolheu e o levou para o céu. Ixião apaixonara-se por Juno e convidou-a para unir-se a ele. A deusa, ofendida, contou tudo

a Júpiter, que prontamente formou, com uma nuvem, um fantasma semelhante à sua esposa. Ixião possuiu a nuvem e, da união, nasceram os centauros. Júpiter, indignado, mandou-o novamente à terra. Mesmo assim Ixião não aprendera, pois espalhava que tinha sido amante de Juno.

Júpiter, por sua vez, com um raio lançou-o nas profundezas do Tártaro. Mercúrio, por ordem do deus, ligou-o a uma rocha cheia de serpentes, que gira e girará eternamente. E ele sempre gritará que aprendam, com seu exemplo, a honrar os benfeitores.

487 - **Proserpina**: Era filha de Júpiter e de Ceres. Um dia, quando Prosérpina colhia flores, Plutão, seu tio, raptou-a. Ceres, sua mãe, procurou-a por todo o mundo e a encontrou nos infernos. Pediu a Júpiter que a fizesse voltar. Ele consentiu, porém a jovem não poderia ter comido nada nas regiões sombrias. Mas Prosérpina havia comido uns bagos de romã e assim estava ligada ao reino das Sombras para todo o sempre.

Júpiter, entretanto, consentiu que Prosérpina passasse seis meses na terra, em companhia da mãe, época que as plantas germinavam.

493 - **Auerni**: Averno era considerado lago dos infernos. Lago da Campânia que era consagrado a Plutão. Exalavam-se desse lago emanações tão infectas que os pássaros que passavam sobre ele morriam.

508 - **Strymonis**: Estrimão, rio da Trácia. Separa a Macedônia da Trácia. Hoje é conhecido como Karasu ou Estruma.

511 - **Philomela**: Filomela, filha de Pandião, rei de Atenas e irmã de Procne. Filomela foi com sua irmã Procne para a Trácia, pois esta se casara com Tereu. As duas irmãs eram muito unidas. Pandião consentiu na partida, porém, como estava muito preocupado, exigiu que uma guarda acompanhasse os três.

Durante a viagem, Pandião se apaixonara por Filomela. Quando chegaram a um velho palácio, Pandião despachou todos da sua comitiva, despediu os guardas e violentou Filomela. Como ela se queixava e chorava constantemente, ele lhe cortou a língua. Deixou uma pessoa de sua confiança com ela e partiu. Para sua esposa Procne, contou que a irmã havia morrido.

Um ano se passara, quando Filomela enviou à irmã, num pano, com agulhas e linhas, um bordado que contava toda sua história. Procne, após ter recebido o bordado só pensou em vingança. Durante as festas de Baco, correu para libertar a irmã. Quando voltou à corte, Procne matou o filho que tivera com Tereu e serviu os membros ao marido, durante o banquete de Baco. No final da festa, Procne jogou sobre a mesa a cabeça da criança morta.

As duas irmãs fugiram e foram transformadas: Filomela em rouxinol e Procne em andorinha. Tereu que as perseguia, fora transformado em gavião.

517 - **Hyperboreas**: Hiperbóreo, setentrional. Hiperbóreos são aqueles que moram além do Bóreas, eram povos fabulosos das regiões mais setentrionais.

**Bóreas**: Vento do norte, o setentrião. Era filho de Astreu e da Aurora.

**Tanaim**: Tânais ou Tanaida, rio que separa a Europa da Ásia, o atual Rio Dom.

518 - **Riphaeis**: Os montes Rifeus, na Cítia.

520 - **Ciconum**: Cícones, povo da Trácia.

521 - **Orgia Bacchi** - Orgia: festas de Baco eram celebradas durante a noite.

524 - **Oeagrius Hebrus** - **Oeagrius**: Éagro, rei da Trácia e pai de Orfeu. **Hebrus**: Hebro, rio da Trácia.

## Referências bibliográficas

- BENOIST, E. P. *Virgili Maronis – Opera*. Paris: Librairie Hachette et Cie., 1898.
- BRANDÃO, J. J. *Orfeu, orfismo e viagens a mundos paralelos*. São Paulo: Editora Unesp, 1990.
- \_\_\_\_\_. *Mitologia grega*. Petrópolis: Vozes, 1991. v.II, p.141-71.
- CHEVALIER, J., GHEERBRANT, A. *Dicionário de símbolos*. Trad. Vera da Costa e Silva et al. Rio de Janeiro: José Olympio, 1994.
- CROOK, R. F. Note on *Georgic IV*, 228-231. *The Classical Review*. London: Published for the Classical Association by John Murray, 1910. p.49-50.
- GENTILI, B. et al. *Storia della Letteratura Latina*. Bari, Roma: Laterza, 1977.
- GRIFFIN, J. *The Forth Georgic, Virgil and Rome*. Greece and Rome. Oxford: Clarendon Press, 1979. Second Series, v.XXVI, p.61-80.
- MAYER, R. *As Geórgicas de Virgílio*. Versão em prosa dos três primeiros livros e comentários de um agrônomo. Lisboa: Livraria Sá da Costa, 1948.
- PICHON, R. *Virgile. Oeuvres complètes*. Paris: Librairie A. Hatier, 1948.
- SERVII GRAMATICI. *Qui feruntur in Vergilii Bucolica et Georgica*. (Recensvit Georgivs Thilo) Lipsiae in Aedibus B.G. Teubneri, 1927.
- VIRGÍLIO. *As Geórgicas*. Trad. Antonio Feliciano de Castilho. São Paulo: Heros Graphica Editora, 1930.
- \_\_\_\_\_. *Georgics*. Trans. H. Rushton Fairclough. Cambridge, Mass.: Harvard University Press; London: Willian Heinemann Ltd., 1986.
- \_\_\_\_\_. *Georgiques*. Texte établi et traduit par E. de Saint-Denis. Paris: Société d'Édition Les Belles Lettres, 1968.
- \_\_\_\_\_. *Georgiche*. Introduzione di Antonio La Penna. Traduzione di Luca Canali, Note al testo di Riccardo Scarcia. Milano: Rizzoli Libri S.p.A., 1988

SANTOS E. C. P. Translation and notes of the myth of Orpheus in the IV book of *Georgics*. *Todas as Letras (São Paulo)*, n.5, p.129-136, 2003.

**Abstract:** *The myth of Orpheus in the IV book of Georgics, will be presented as an example of translation, from the point of view of the poet Vergil as he interpreted it. After Vergil exposed, in the IV book, the apiculture, he presented Aristeu's fable that frames the myth of Orpheus. Half of the book was dedicated to bees and the other half to the myth of Orpheus. This narration has, in the IV book of Georgics, 241 verses out of 565 of the whole book, that is, about 43% of the work.*

**Keywords:** *Latin literature; Vergil; Georgics; myth of Orpheus.*